

# OXIGÊNIO

SETEMBRO 2022

o

NÚMERO 37



ARTE  
EM  
RESISTÊNCIA

# EDITORIAL

*O que a gente quer?*

*Como a gente vê esse momento?*

*Quais são os nossos sonhos?*

As indagações são de Evandro Salles, curador do Centro Cultural da Justiça Federal, no Rio de Janeiro, idealizador da *Parada 7 – Arte em Resistência*, evento que dará voz a arte brasileira no dia em o país completa o bicentenário da independência, matéria de capa desta edição.

*Arte em Resistência – Exposição de artes visuais e Parada/Cortejo* – tem como tema o Brasil atual, do ponto de vista político, social, econômico, ecológico e cultural. A mostra – com obras de 100 artistas – ocupará simultaneamente duas instituições no centro do Rio: o Centro Cultural da Justiça Federal e o Centro Municipal de Arte Helio Oiticica, e irá exibir visões poéticas, dramáticas, críticas, audaciosas ou surpreendentes, carregadas de sonhos e esperança.

No dia da inauguração, um cortejo com a presença de artistas visuais, músicos, atores e público em geral irá percorrer os 1,2 mil metros que separam as instituições, apresentando as múltiplas feições da nação brasileira, bem como seus problemas e questões fundamentais, entre as quais a violência, a fome, a identidade de gênero, o racismo, os povos e a cultura indígena, a educação e a (des)igualdade.

Boa leitura!

Foto de capa: Rogério Reis, Manifestação 2 de outubro de 2021, Centro do Rio de Janeiro – Obra *Das Bandeiras* de Renato Bezerra de Mello, Rogério Reis e Mayra Rodrigues

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | [oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com) | [www.oxigeniorevista.com](http://www.oxigeniorevista.com)

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone  
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato  
Colaboradora: Antonella Kann

# ÍNDICE

04

**OXIGENE:** Matheus Nachtergaele é Molière em uma disputa bem humorada entre Comédia e Tragédia | *Coletivando Cia de Dança* estreia na Funarte SP espetáculo que coloca em cena o corpo preto periférico | *ArtRio* – 12ª edição da Feira de Arte do Rio de Janeiro | Maria Bethânia nos cinemas – “*Maria – Ninguém sabe quem sou eu*” estreia dia 1º | Espetáculo “*Casa*” da Cia Gelmini volta ao Rio depois de passar por Paris

12

**MATÉRIA DE CAPA:** *Parada 7 – Arte em Resistência*

20

Exposição “*Um Defeito de Cor*” no MAR – Museu de Arte do Rio

25

“*Pedro Carneiro – Cartas ao Afeto*”, na Galeria Movimento, RJ

29

Desaparecidas desde 1936, obras-primas de Di Cavalcanti voltam para casa

34

Exposição no IMS Paulista investiga as relações entre fotografia e cultura urbana nas primeiras décadas do século XX

38

Xavier Veilhan faz sua primeira exposição no Rio de Janeiro

42

“*Klangfarbenmelodie – Melodia de Timbres*”, na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ

45

*Amazônia e suas Gentes* – Biodiversidade e produção artesanal amazônica são temas de um Festival-Movimento gratuito promovido pelo Artesol CCSP

48

Cantora cabo-verdiana Mayra Andrade faz este mês turnê inédita pelo Brasil

51

“*Kafka: Os anos decisivos*”, de Reiner Stach

53

**TURISMO:** Reykjavík, Baía das Fumaças



Matheus Nachtergaele (*Molière*), Renato Borghi (*o fanático Arcebispo de Paris, Monsenhor Péréfixe*) e Elcio Nogueira Seixas (*Jean Racine*)

Foto: Divulgação

## MATHEUS NACHTERGAELE É MOLIÈRE EM UMA DISPUTA BEM HUMORADA ENTRE COMÉDIA E TRAGÉDIA

*A partir do dia 2 no Teatro Prudential, RJ, a Comédia, representada por seu mais ilustre autor, Molière (vivido por Matheus Nachtergaele), e a Tragédia, personificada pelo poeta Jean Racine (Elcio Nogueira Seixas) serão embaladas por músicas de Caetano Veloso, executadas ao vivo e com arranjos originais do maestro Gilson Fukushima*

A peça, que marca a estreia da obra teatral da dramaturga mexicana Sabina Berman no Brasil, é dirigida por Diego Fortes, ganhador do Prêmio Shell em 2017 pelo espetáculo *O Grande Sucesso*.

Inspirada no próprio teatro de Molière, que fundia vários estilos em uma mesma obra (*Commedia Dell'Arte*; influências renascentistas e barrocas; humor satírico), a encenação busca integrar linguagens diversas em uma intensa dinâmica cênica. *“A fusão de linguagens de Molière e a autenticidade de suas criações nos possibilitaram misturar cores e texturas com extrema liberdade, procurando sempre uma encenação em que regras pudessem ser quebradas”*, diz o diretor Diego Fortes.

Em cena, quatorze atores e músicos vão narrar o inusitado conflito entre formas opostas de pensar o mundo, expressas pelas famosas máscaras do Teatro:

uma ri malandramente de tudo e de todos, a outra mostra reverência e temor diante da dor e da morte. O embate épico entre estas duas faces da vida tem como cenário a corte carnavalesca de Luís XIV, o Rei Sol (Nilton Bicudo), na França.

## SERVIÇO

### Molière

Teatro Prudential – Rua do Russel, 804, Glória / RJ

Temporada: 2 de setembro a 2 de outubro

Sextas e sábados às 20h, Domingos às 19h

Preços:

R\$ 70 (Plateia) | R\$ 60 (Plateia Lateral)

Lotação: 359 lugares

Classificação: 12 anos

Duração: 120 minutos

Ingressos Symppla:

<https://bileto.symppla.com.br/event/75298/d/150567>



## *Coletivando Cia de Dança* estreia na Funarte SP espetáculo que coloca em cena o corpo preto periférico



Foto: Rafaella Olivieri

*NAÍZES é uma montagem inédita da companhia carioca, fazendo sua estreia nacional em temporada paulistana, cuja concepção tem raiz nas memórias e atravessamentos de corpos que foram deixados à margem da sociedade e da vida*

O espetáculo, que tem como intérpretes os artistas criadores Luís Silva e Pedro Avlis, traz uma estética contemporânea que entrelaça e funde elementos do *house*, *wacking*, hip hop e afro, entre outras vertentes das danças urbanas.

A obra mostra que um único corpo pode transbordar intensidades advindas de trajetórias e singularidades do corpo preto, periférico e urbano. Com o objetivo de abraçar e dar voz a temáticas afro-diaspóricas, os artistas em cena articulam uma forma de ressignificar tantos atravessamentos selados nos corpos para, a partir deles, gerar vida e possibilidades de novos caminhos.

O nome “*Naízes*” sintetiza reflexões da companhia sobre raízes, no que diz respeito às diversas origens e ancestralidades, e sobre as muitas nacionalidades, que perpassam pela história dos afro-brasileiros.

A *Coletivando Cia de Dança* transita por linguagens e culturas, explora a diversidade de ritmos e movimentos. “*Com essas culturas aprendemos como ser coletivo para além da junção física. Aprendemos como existir em uma sociedade que nos faz inibir as naturalidades e ancestralidades*”, comenta Pedro Avlis. “*Esse trabalho é um grito de corpos que foram colocados constantemente no limite e obrigados a criar ferramentas para expressar e evidenciar suas narrativas*”, finaliza Luís Silva.

Nascida em 2019, a *Coletivando Cia de Dança* é composta por artistas das periferias da Zona Norte e Oeste do Rio de Janeiro. Seu trabalho é voltado para a reflexão sobre temáticas inseridas no contexto periférico e urbano. Em 2019 e 2020, circulou com o espetáculo *Interfaces*, fazendo apresentações em

cidades do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e também lançou o curta-metragem *Afetos*, disponível nas plataformas digitais.

## SERVIÇO

### Espectáculo/dança: *Naízes*

Coletivando Cia de Dança

Temporada: 9 de setembro a 1º de outubro de 2022

Horários: sextas e sábados, às 19h | domingos, às 18h

Ingressos: R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia)

Bilheteria: 1h antes das sessões

Vendas online - Sympla:

[https://www.sympla.com.br/naizes--coletivando-cia-de-danca\\_1660282](https://www.sympla.com.br/naizes--coletivando-cia-de-danca_1660282)

Duração: 50 min. | Classificação: Livre.

Capacidade: 53 lugares

Complexo Cultural Funarte SP – Sala Renée Gumiel

Alameda Nothmann, 1058, Campos Elíseos, São Paulo/SP

Tel.: (11) 3662-5177

Na rede: Site – [coletivandoart.com.br](http://coletivandoart.com.br)

Instagram – [@ciacoletivando](https://www.instagram.com/ciacoletivando)



Foto: Rafaella Olivieri



**15 - 18 | 09 | 2022**  
**PREVIEW 14 | 09**  
**MARINA DA GLÓRIA**

# ARTRIO

## 12ª edição da Feira de Arte do Rio de Janeiro

*Reconhecida como um dos grandes eventos de arte da América Latina, a ArtRio reúne as principais galerias do país*

Pela primeira vez, a ArtRio irá organizar suas galerias em dois pavilhões: *Mar* e *Terra*, uma referência a localização de cada um. No caso do Pavilhão *Mar* – na Esplanada da Marina da Glória – o nome é uma alusão à vista cartão postal para a Baía de Guanabara.

Em meio a cena privilegiada, o *Mar* será dedicado a projetos especiais, acompanhados de perto pelo premiado arquiteto Pedro Évora. Nele estarão os programas *VISTA*, para galerias com menos de 10 anos; *SOLO*, com estandes dedicados a um único artista e que esse ano contará com a curadoria do colecionador Ademar Britto; *EXPANSÃO*, que abrange instituições e projetos sociais; *MIRA*, programa curado por Victor Gorgulho com projeções diárias de videoarte; e *Revistas e Editoras*.

As galerias também poderão ser visitadas no Pavilhão *Terra*, área *indoor* da Marina da Glória, que será dedi-

cada exclusivamente às galerias do programa *PANORAMA*, as maiores da cena nacional.

A ArtRio acontece desde 2017 na Marina da Glória e, desde 2020, paralelamente online no *ArtRio.com*. O acesso à feira virtual é gratuito, sem necessidade de agendamento prévio e sem restrição de horário.

### SERVIÇO

#### **ArtRio – 12ª Feira de Arte do Rio de Janeiro**

De 14 a 18 de Setembro de 2022

Horário: 13h – 21h / Domingo 12h – 20h

Marina da Glória – Av. Infante Dom Henrique, S/N – Glória, Rio de Janeiro, RJ

Ingressos entre R\$ 40,00 e R\$ 80,00

<https://artrio.com/>



Foto: Globo Filmes / Divulgação

## MARIA BETHÂNIA NOS CINEMAS

### “MARIA – NINGUÉM SABE QUEM SOU EU” ESTREIA DIA 1º

O filme é um depoimento inédito e exclusivo de Maria Bethânia para o diretor e roteirista Carlos Jardim. Gravado no teatro do Hotel Copacabana Palace, em 2020, ano em que a artista completou 55 anos de carreira, será exibido em todo o país.

O longa documental traz imagens raras de ensaios e shows da cantora ao longo de sua trajetória, e conta com a participação da atriz Fernanda Montenegro, que narra cinco textos de autores como Ferreira Gullar e Caio Fernando Abreu sobre a importância de Bethânia no cenário cultural brasileiro.

“*Maria - Ninguém sabe quem eu sou*” proporciona um mergulho na grandiosa e eclética carreira de Bethânia que se lançou transformando “*Carcará*” em sucesso nacional, canta samba e sertanejo, traz o interior do Brasil para os shows e emenda músicas com poemas toda vez que sobe ao palco.

#### FICHA TÉCNICA:

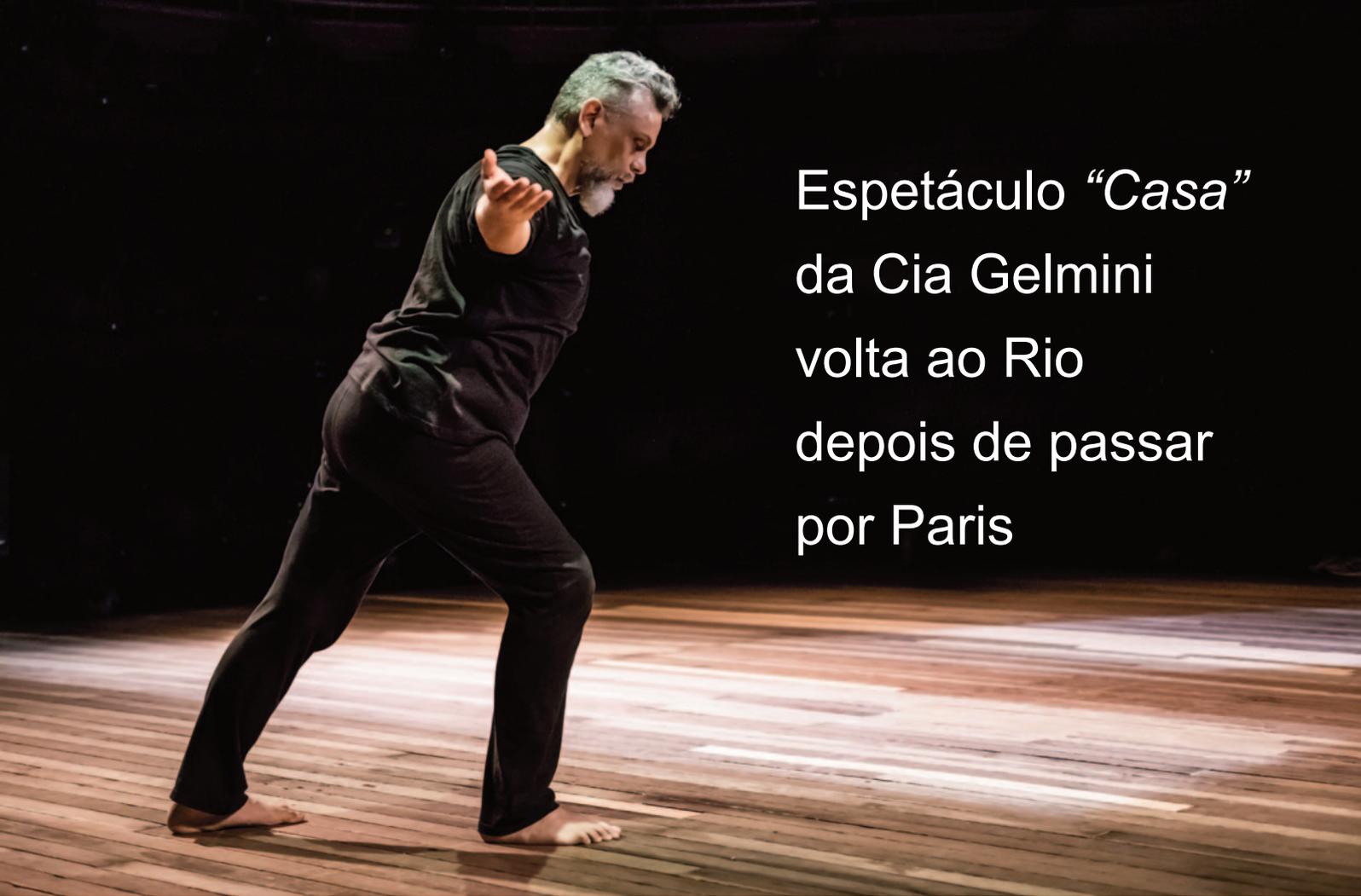
*Direção* – Carlos Jardim

*Produção* – Turbilhão de Ideias Cultura e Entretenimento

*Coprodução* – Globo Filmes, GloboNews e Canal Brasil

*Roteiro* – Carlos Jardim

*Teaser oficial:* <https://youtu.be/wOaylSSchgo>



## Espectáculo “Casa” da Cia Gelmini volta ao Rio depois de passar por Paris

Foto: Mauricio Maia

*Sucesso de crítica, solo de dança documental contemplado no Programa de Fomento à Cultura Carioca (FOCA), faz curta temporada em setembro no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, na Tijuca*

Um corpo que se escuta entre o passado e o presente. “Casa”, quinta criação da Companhia Gelmini, surgiu a partir da pesquisa de uma dança documental entre as memórias de um corpo maduro e seu momento presente. Interpretado por Paulo Marques, com direção de Gustavo Gelmini, o solo, que estreou em 2019 no Rio, e depois foi apresentado na França, volta à cidade para uma curta temporada, de 2 a 25 de setembro (de sexta a domingo), no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, na Tijuca, onde foi criado.

O espetáculo, baseado na relação da dança com teatro do movimento, trata sobre o corpo que habitamos: a nossa casa. Mais especificamente sobre um corpo maduro que se conecta com suas memórias físicas no momento presente. Sua dramaturgia nasce do encontro de um bailarino de 58 anos, de formação clássica, e um coreógrafo que traz sua experiência com a montagem cinematográfica. “É o encontro de duas gerações. Um bailarino mais velho, com seu histórico clássico, em uma diferente abordagem das potenciali-

*dades de seu corpo, para além da virtuosidade, e eu, que trago uma forma de coreografar nada clássica, pautada em técnicas do teatro do movimento e do cinema. Dois artistas que resolveram dar eco às suas vulnerabilidades num processo de criação repleto de escuta e atravessados pela vida”, explica o diretor.*

A proposta dramaturgica se faz pelo uso da *Técnica de Alexander*, que pressupõe a inibição do movimento antes que ele aconteça, dando origem a outra forma de representar a mesma ação. *“A técnica fala sobre desfazer um hábito do seu corpo. O que ela pede é a inibição daquele movimento imediato para fazer de outro jeito. Isso me torna vivo, inteiro na cena e não uma repetição do que já sei e sou”, explica Paulo Marques.*

O espetáculo *Casa* foi contemplado no Programa de Fomento à Cultura Carioca (FOCA), através da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura RJ.

## HISTÓRICO / PROGRAMAÇÃO

Fruto de uma residência artística no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, *“Casa”* foi apresentado no Teatro Cacilda Becker, em 2019, sendo selecionado pelo jornal O Globo entre os melhores espetáculos de dança da temporada. No mesmo ano, foi apresentado no Colóquio Internacional *Du Group Arts du Geste* na Universidade Paris 8 e exibido no *Cité Internationale des Arts* em Paris. Em 2021, com o apoio da Embaixada do Brasil na França, foi exibido no *Le Centquatre-Paris*, como resultado de residência artística.

Agora, o espetáculo retorna à sua casa de origem, na Tijuca, Zona Norte da cidade, onde ainda se busca a for-



Foto: Mauricio Maia

mação de um público de maneira mais sólida. Por isso, a fim de aproximar este público também da linguagem cinematográfica, a programação conta com a exibição do cinedança *“Falta”*, de Gustavo Gelmini, feito em Paris durante a epidemia de Covid-19, exibido nas *Journées Du Patrimoine 2021*, na Embaixada do Brasil em Paris. Para completar, serão promovidas duas oficinas gratuitas de cinedança com Gustavo Gelmini e dramaturgia em dança com o bailarino Paulo Marques, ambas com duração de 4h.

## SERVIÇO

### Casa

Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro  
R. José Higino, 115, Loft, Tijuca, Rio de Janeiro / RJ  
Temporada: 2 a 25 de setembro (sexta a domingo)  
Horário: 18h | Contato: (21) 3238-0357  
Ingressos: R\$ 40 (inteira) | R\$ 20 (estudante ou ingresso solidário levando 1kg de alimento não perecível)  
Duração: 40 min | Capacidade: 60 lugares  
Classificação: 14 anos

**ATENÇÃO**

**ABISMO**

**PARADA OBRIGATÓRIA PARA REFLEXÃO**

ALê Dacosta, *Atenção Abismo*

Foto: Divulgação

**PARADA 7 – ARTE EM RESISTÊNCIA**

Três curadores

Dois Centros Culturais

Mais de 100 artistas

Um objetivo: consolidar a democracia!

Maria Hermínia Donato

*No dia em que o Brasil completa 200 anos de Independência, duas instituições culturais sediadas no Rio de Janeiro promovem o mais expressivo evento artístico popular do país, que reunirá artistas visuais, músicos, atores e público em geral: uma grande exposição com obras em duas instituições, e uma Parada Cultural, entre o Centro Cultural da Justiça Federal (Cinelândia), na Avenida Rio Branco, e o Centro Municipal de Arte Helio Oiticica, próximo à Praça Tiradentes, num trajeto de aproximadamente 1,2 km*



Cildo Meireles, *Bandeira*

Foto: Divulgação

O cortejo fará a ligação entre os dois espaços que abrigarão a mostra *Parada 7 – Arte em Resistência*, com obras de mais de 100 artistas, algumas das quais criadas especialmente para o evento, como uma bandeira de Cildo Meireles, onde se lê “*Democracia. Justiça. Paz*”. A curadoria é de Evandro Salles, curador

do CCJF e também idealizador do projeto, de Cesar Oiticica Filho, diretor artístico do CMAHO; e de Luiza Interlengui, curadora convidada.

*Arte em Resistência* será inaugurada no dia 7 de setembro às 11h da manhã no Centro Cultural Justiça Federal;



Adriana Maciel, Martha Niklaus e Suely Farhi, *Democracia*

Foto: Adriana Maciel

às 15h30 terá início a Parada/Cortejo que percorrerá a Avenida Rio Branco e a Rua da Carioca, em trajeto até a Rua Luís de Camões, nas imediações da Praça Tiradentes. Com sua chegada, será aberta a parte da exposição localizada no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica. A Parada reunirá um grande número de artistas e coletivos de arte, entre músicos, poetas, performers, artistas visuais e atores, ao lado do público em geral.

– *Vamos comemorar com arte os 200 anos de nossa independência* – diz Cesar Oiticica, idealizador da parada. Ele explica que o evento será estruturado como uma Escola de Samba, em alas, trazendo ao público obras coletivas e individuais em suas diversas linguagens: da música às artes visuais, passando pela performance e a dança.

– *Todo o projeto, a exposição nas duas instituições e o cortejo, foi concebido para valorizar a nossa independência. O dia 7 de setembro é de todos os brasileiros e não podemos permitir que tomem as nossas cores, temos que resistir e retomar os nossos símbolos* – afirma o diretor do CMAHO, ao revelar o desejo de

que essa parada aconteça anualmente, sempre no dia 7, levando às ruas a arte e a alegria que representam o povo brasileiro.

– *A arte não pode ser um nicho destinado a alguns privilegiados. E a arte nas ruas tem tudo a ver com a obra de Helio Oiticica: na década de 60, ele surpreendeu o público com as suas “manifestações ambientais”, após seu envolvimento com a Escola de Samba da Mangueira. Seus Parangolés consistiam em tendas e estandartes, bandeiras e capas de vestir feitas de tecidos que revelam cores e texturas a partir do movimento corporal de quem as usa. É com essa alegria que queremos mostrar nossa resistência na Parada 7* – conclui Cesar, ao citar que os coletivos *Opavivará*, *Aldeia Marakanã* e *Periféricos*, além dos *Tambores do Camdomblé*, a comunidade LGBTQIA+, negros, mulheres e representantes de todas as minorias farão parte do cortejo.

Entre as obras que serão exibidas na parada, constam *Das Bandeiras* – bandeiras do Brasil deterioradas pelo tempo – obra coletiva de Renato Bezerra



Rosana Palazyan, *Demarcação Já* Foto: Divulgação

de Mello, Rogério Reis e Mayra Rodrigues, de 2019 (em processo), *Democracia* – tecidos multicoloridos com 11 metros de comprimento por 4 metros de largura, onde se lê “*democracia*”, de 2015, de Marta Niklaus, em parceria com Suely Farhi e Adriana Maciel, confeccionada na época do impeachment de Dilma Rousseff, e *Demarcação já*, da série *Estandartes*, de Rosana Palazyan, realizada a partir de trabalhos que a artista fez durante a pandemia (2021), com imagens desenhadas digitalmente e compartilhadas por WhatsApp.

#### AS VOZES DA ARTE

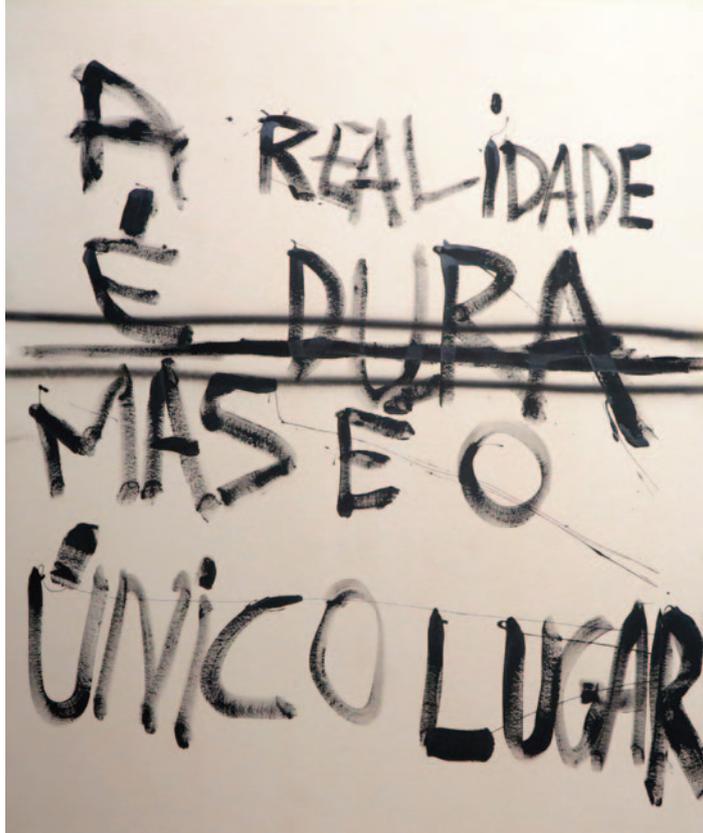
– *Vivemos um momento decisivo no país e a arte vai fazer ouvir sua voz* – diz Evandro Salles, ao explicar que

o tema da exposição é o Brasil atual, do ponto de vista político, social, econômico, ecológico, cultural etc. – *O que a gente quer? Como a gente vê esse momento? Quais são os nossos sonhos?* – *Estamos diante de um impasse: ou a democracia caminha consolidada e ampliada no sentido da igualdade de oportunidades ou teremos um retrocesso político, cultural e ambiental de grandes proporções* – afirma.



Paulo Nazaré, *Arruazsa - Citibank*

Foto: Divulgação



Gustavo Speridião, *A realidade é dura mas é o único lugar*  
Foto: Divulgação



Pedro Carneiro, *Santo Marginal*  
Foto: Divulgação

Evandro revela que as obras selecionadas “apresentam visões poéticas, dramáticas, críticas, audaciosas ou surpreendentes, carregadas de sonhos e esperança. E se sobrepõem em um grande panorama que pensa as múltiplas identidades e feições da nação brasileira, bem como seus problemas fundamentais, como a violência, a fome, as questões de gênero, o racismo, os povos e a cultura indígena, a educação e a (des)igualdade”.

No conjunto das mais de uma centena de obras expostas, há trabalhos inéditos de Paulo Nazaré, como “Arruazsa – Citibank”, e de Gustavo Speridião, “A realidade é dura mas é o único lugar”, entre outros.

“Santo Marginal”, de Pedro Carneiro; “Atenção Abismo”, de Alê Dacosta; *Fotos da Aldeia Marakanã*, de George Magaraia, “O santinho: Arte para quê?”, de Simone Michelin; “A história explica mas não justifica”, de Renato Bezerra de Mello, e “Seasystem”, de Opavivará! também fazem parte da exposição.

Mais de cem artistas participam da exposição, entre nomes consagrados e jovens talentos. Cildo Meireles, Anna Maria Maiolino, Anna Bella Geiger, Adriana Varejão, Regina Silveira, Lenora de Barros, Alê Dacosta, Cabelo, Nuno Ramos, Paulo Nazaré, Laura Lima, Rosana Palazyan, Renato Bezerra de Mello, Simone Michelin, Mulambö, Gustavo Speridião, Pedro Carneiro, Maxwell Alexandre, Edgar Novíssimo, Hal Wildson, Helena Marques, Marcela Cantuária e Denilson Baniwa, são alguns deles.

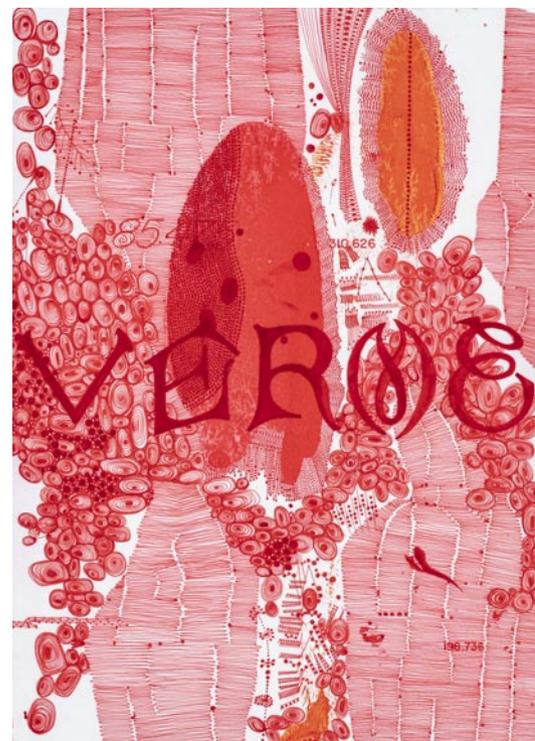
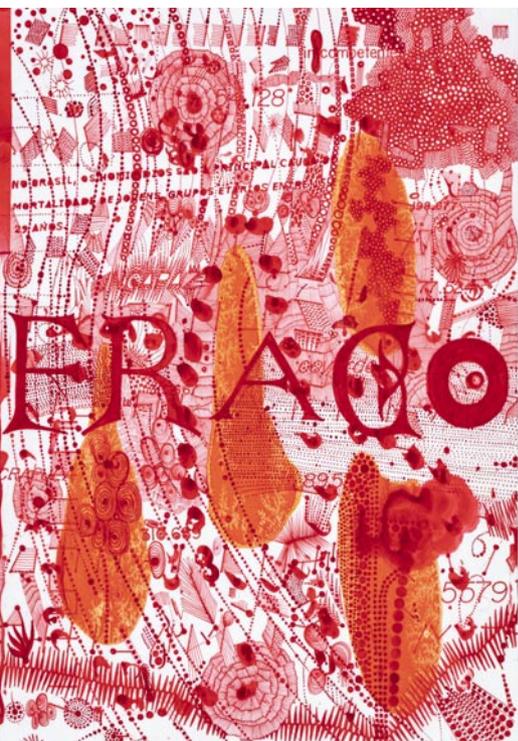


George Magaraia,  
Fotos da Aldeia Marakanã

– Todo o projeto, realizado em conjunto com Cesar Oiticica e Luiza Interlengui, foi concebido em tempo recorde e praticamente sem recursos, diz Evandro, ao lembrar que o objetivo era reunir o maior número possível de artistas, e que para viabilizar a exposição e a parada foi

realizado um financiamento coletivo pela plataforma *Benfeitoria*. – É importante salientar a generosidade de muitos artistas que fizeram trabalhos especialmente para a exposição, entre os quais, Regina Silveira, Ernesto Neto e Cildo Meireles, que também doou algumas obras para a plataforma *Benfeitoria*.

Luiza Interlengui conta que ao ser convidada para participar do projeto, ficou muito impressionada com a riqueza do conteúdo da ideia. – O projeto é muito forte, muito consistente. E a proposta foi a de reunir uma variedade de artistas e trazer para perto todas essas vozes que estão se manifestando sobre questões com resistência em vários campos – mulheres, racismo, violência .... essa produção cumpre o papel de resistir as ameaças do autoritarismo à democracia e exercita, na sua prática



Renato Bezerra de Mello, *A história explica mas não justifica*

*artística, as poéticas da liberdade, as poéticas identitárias e as poéticas da diversidade, expressando afirmativamente essas posições. – diz a curadora.*

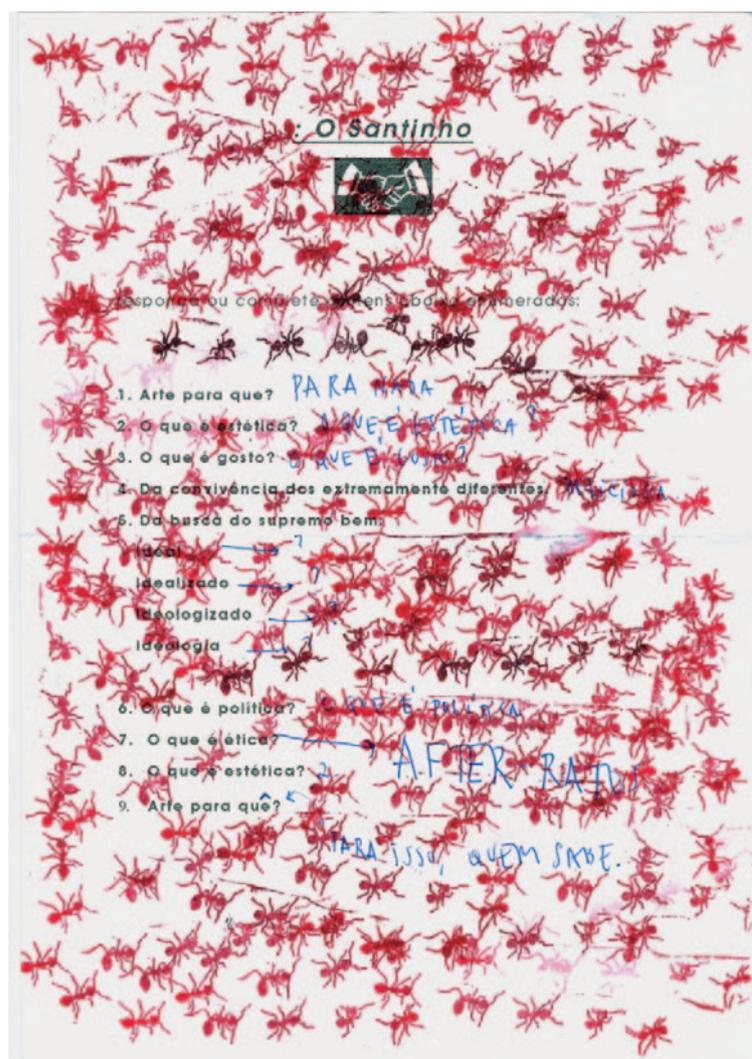
Os trabalhos reunidos na mostra exibem críticas e sonhos de quem deseja um país mais justo. As obras de artistas que pensam a questão do território e trabalham com mapas como símbolos a serem resgatados, e um alerta para o que estamos vivendo, são um exemplo disso, assim como o núcleo das bandeiras.

*– Reunimos muitas bandeiras para a exposição e para o cortejo. Elas constituem também uma espécie de símbolo para pensar o Brasil. Na bandeira de Cildo Meireles, criada especialmente para o projeto, lemos Democracia, Justiça, Paz. O conjunto de ban-*



Marcela Cantuária, *Alceri Maria Gomes da Silva*, (operária metalúrgica e militante política assassinada pela ditadura militar)  
Foto: Vicente de Mello

*deiras desgastadas pelo tempo, de Renato Bezerra de Mello, Rogério Reis e Mayra Rodrigues também é muito rico, um alerta para a crise que estamos vivendo – conclui Luiza. Bandeiras de Raul Mourão, Marco Chaves, Solange Escosteguy, Pedro Carneiro e Iran do Espírito Santo, entre outros, também fazem parte da mostra.*



Simone Michelin, *O Santinho: Arte para quê?*  
Foto: Divulgação

## SERVIÇO

### Parada 7 – Arte em Resistência

*Centro Cultural da Justiça Federal*

Avenida Rio Branco, 241 – Centro / RJ

Tel: (21) 326-2550

Horários: de terça a domingo das 11h às 19

*Centro Municipal de Arte Helio Oiticica*

Rua Luis de Camões, 68, Praça Tiradentes– Centro / RJ

Tel.: (21) 2242-1012

Horários: de segunda a sábado das 10h às 18h

As duas instituições tem entrada gratuita

Financiamento coletivo:

[https://benfeitoria.com/projeto/parada7?fbclid=IwAR3II4\\_GpURUhKE8tGVYLaq1wIOWYuOpn9hb35IAozR16VHOTXSlh47iVW8](https://benfeitoria.com/projeto/parada7?fbclid=IwAR3II4_GpURUhKE8tGVYLaq1wIOWYuOpn9hb35IAozR16VHOTXSlh47iVW8)

Este evento tem o apoio da ABI – Associação Brasileira de Imprensa



Coletivo Opavivará!, Seasystem



REVISÃO  
PARA  
HUMANIZAR  
A HISTÓRIA  
*Um Defeito de Cor*,  
nova exposição  
principal  
do Museu de  
Arte do Rio,  
faz revisão  
historiográfica  
da escravidão  
abordando lutas,  
contextos sociais  
e culturais do  
século XIX

Tiago Sant'Ana, *Fluxo e refluxo (barco de açúcar)*, 2021  
Foto: Divulgação



sua constituição biológica algo que fosse um defeito, como pouca inteligência, por exemplo. Então, a exposição aborda esse trauma da investigação a partir da trajetória da protagonista do romance, a africana, Kehinde.

*“Existe uma história do negro sem o Brasil, mas não existe uma história do Brasil sem o negro”*

*Januário Garcia*

Ana Maria Gonçalves afirma que é enriquecedor ver as propostas e as ideias das pessoas envolvidas nos diversos processos da montagem da exposição, e entender

como é importante essa experiência de construção conjunta de uma memória/história que também é coletiva.

*“Espero que as histórias contadas na mostra atinjam um público não atingido pelo livro. O grande fotógrafo Januário Garcia dizia que ‘existe uma história do negro sem o Brasil, mas que não existe uma história do Brasil sem o negro’ (e aqui tomo a liberdade de acrescentar os povos indígenas). Desejo que as pessoas saiam da exposição com essa certeza e coloquem em dúvida tudo que aprenderam sobre o Brasil sem que tenhamos sido ouvidos”, revela a autora do livro Um Defeito de Cor.*

#### **A EXPOSIÇÃO**

Dividida em 10 núcleos, que se espelham nos 10 capítulos da publicação, a mostra fala de revoltas negras, empreendedorismo, protagonismo feminino, culto aos ancestrais e África Contemporânea, entre outros temas.

*“A exposição não tem uma relação direta com o livro. Não é uma história ilustrada do livro. É uma relação de interpretação. A gente interpreta o livro junto com a Ana Maria, trazendo imagens e obras a partir dos conceitos que ela aborda em sua publicação. E não damos detalhes da narrativa”, afirma Marcelo Campos, Curador-Chefe do MAR, que faz a curadoria compartilhada ao lado de Amanda Bonan e Ana Maria Gonçalves.*



Kwaku Ananse Kintê, *A volta de Kehinde*

Foto: Divulgação

A exposição também vai contar com trechos lidos pela autora, Ana Maria Gonçalves, e pela mãe dela, Helialza da Silva Gonçalves, já que o romance trata da relação entre mãe e filhos. Leda Maria Martins, pesquisadora de questões de racialidade, também pediu para participar e gravou partes do livro que serão ouvidas em uma faixa sonora nas salas da exposição.

*“A exposição ajuda a humanizar a história e traz à tona temas que a gente não aprende na escola. É uma revisão historiográfica abordando lutas, contextos sociais e culturais do século XIX. A gente não aborda a narrativa ficcional e sim a pesquisa histórica feita pela autora”,* ressalta Amanda Bonan, Gerente de Curadoria do MAR.

O livro, que completa 16 anos em 2022, é considerado um clássico da literatura afrofeminista brasileira e ganhou o importante prêmio literário *Casa de las Américas*, em 2007. A mostra *“Um Defeito de Cor”* ocupa o terceiro andar do pavilhão de exposições do MAR.

*“Defeito de Cor é uma exposição carregada de significados que dialogam com a história de superação e ancestralidade presente no território em que o MAR está inserido, a Pequena África. Seguimos engajados no processo de curadoria coletiva, trazendo a Ana Maria Gonçalves e o Ayrson Heráclito para construir, junto com Marcelo Campos e Amanda Bonan, essa exposição incrível”,* diz Raphael Callou, Diretor e Chefe da Representação da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura no Brasil, instituição que faz a gestão do MAR.

Entre os artistas que participam da exposição estão Rosana Paulino, Silvana Mendes, Yêdamaria, Maria Auxiliadora, Yedda Affini e Djanira. A mostra também conta com uma paisagem sonora feita por Tiganá Santana e Jaqueline Coelho. O público poderá ouvir músicas e textos que expressam os sentimentos da personagem principal do livro por todas as duas salas do

pavilhão de exposição. A expografia é do artista Ayrson Heráclito junto com Aline Arroyo.

### ANA MARIA GONÇALVES

Nasceu em 1970 em Ibiá, Minas Gerais. Publicitária por formação, se encantou pela Bahia, durante uma viagem para a Ilha de Itaparica, onde morou por cinco anos. Ali, passou a se dedicar integralmente à litera-

tura e ao universo cultural da diáspora africana nas Américas. Em 2006, se tornou conhecida em todo o país com o lançamento de “*Um Defeito de Cor*”, romance que encena em primeira pessoa a trajetória de Kehinde, nascida no Benin (atual Daomé), desde o instante em que é escravizada, aos oito anos, até seu retorno à África, décadas mais tarde, como mulher livre.



### SERVIÇO

#### Um Defeito de Cor

Museu de Arte do Rio

Praça Mauá, 5 - Centro, RJ

Inauguração dia 10 de setembro

Funcionamento do MAR:

das 11h às 18h (última

entrada às 17h)

Entrada Gratuita

Mais informações em

[www.museudeartedorio.org.br](http://www.museudeartedorio.org.br)

Silvana Mendes, *Série I Afetocolagens*  
– *Desconstrução de Visualidades Negativas*  
em *Corpos Negros*, 2021

Foto: Divulgação

# “PEDRO CARNEIRO – CARTAS AO AFETO”

Galeria Movimento, RJ, apresenta  
primeira individual do artista, a partir do dia 6



O afeto como perspectiva de cura coletiva é o tema da exposição que reúne 15 pinturas recentes e inéditas com registros de cenas e memórias familiares, dentro da investigação artística de Pedro Carneiro, em que mistura referências da história da arte, da linguagem de HQ, e de sua história pessoal.

Nas obras, as pessoas retratadas estão em paletas de cinza e preto, contra um fundo rosa. Depois de uma série “Azul”, em que tratou de embates e conflitos sociais, e também imagens de família, Carneiro conta que começou a experimentar o rosa.

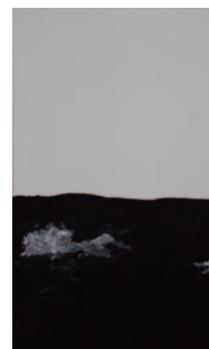
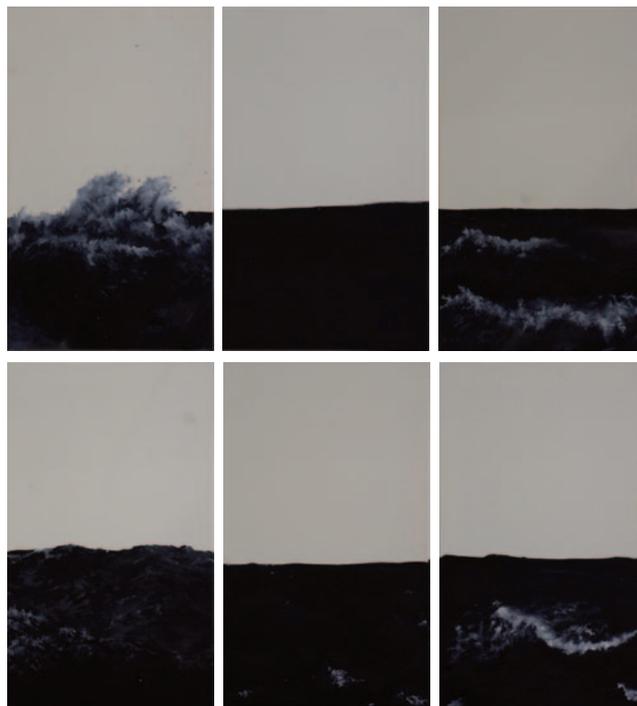
*“Querida trabalhar o afeto, a possibilidade de cura coletiva pelo carinho, mesmo sem esquecer os traumas sofridos”, diz. “Um olhar para frente, utópico, e para o espaço construído, e o que está em construção. A resistência como um foco de luz, que acende a cena”, comenta Pedro, usando uma referência de seu trabalho como iluminador teatral. “Quero dar atenção aos pequenos movimentos, gestos que antecedem os abraços, o olhar, a delicadeza do instante, e o rosa ilumina essas cenas”, explica. Para ele, as tramas individuais encontram eco na coletividade.*

A primeira obra da mostra é a instalação “Carta ao Pai”, realizada a partir de um texto manuscrito de Pedro Carneiro ao pai, falecido há alguns anos. O documento é o elemento de ligação entre uma pintura feita a partir da fotografia de formatura de seu pai, e a fotografia de

formatura do próprio artista. Uma versão inicial e diferente desse trabalho integrou o festival virtual *Respiro*, do Itaú Cultural, em 2020, durante a pandemia.

## PINTURAS – RESISTÊNCIA E AFETO

As sete pinturas que formam a série “VOL II – TRACK” (2021/2022) estão na sala à direita da entrada. O trabalho é resultado da residência Pesquisa em Artes 2021, do MAM Rio.



Pedro Carneiro,  
*Vol II – Tracks 1,*  
2, 3, 4, 5, 6, 7  
2021 / 2022  
Fotos: Divulgação



Pedro Carneiro, *Ekundayo*, 2022

Foto: Divulgação

Os demais oito trabalhos, todos de 2022, são da série apelidada de “Rosa”: “Algumas lembranças não devem ser guardadas só em memórias”, “Antes da despedida”, “O mundo cabe em um instante”, “O olhar de Lisa”, “Laços II”, “Ekundayo”, e “Estamos entre rainhas e reis”. Este último faz alusão à icônica imagem de Beyoncé e seu marido Jay-Z no clipe de “*Apeshit*” (2018), filmado no Museu do Louvre. No lugar da Monalisa, Pedro Carneiro retratou Abdias do Nascimento, e colocou no rosto do casal máscaras do Pantera Negra.

*“O desenho não obedece à formalidade de uma pintura figurativa, e é uma mistura de muitas referências, do Renascimento às HQs. As pinceladas são livres. Quero que um garoto de Oswaldo Cruz (bairro da zona norte do Rio, local importante na formação do artista) olhe e entenda as referências: ‘Essa pessoa me lembra o fulano da rua’”,* revela Pedro Carneiro.

O artista conta que suas grandes referências na pintura são os alemães Anselm Kiefer (1945), Gerhard

Richter (1932) e o norte-americano Kerry James Marshall. Mas entrega: *“Um dia quero ser como Arjan Martins e Cildo Meireles”*.

### **SOBRE PEDRO CARNEIRO**

Com presença crescente no circuito da arte, Pedro Carneiro participou da exposição *“Carolina Maria de Jesus, um Brasil para os brasileiros”* (25/9/2021 a 3/4/2022), no Instituto Moreira Salles em São Paulo, e terá trabalhos na 13ª Bienal do Mercosul (15 de setembro a 20 de novembro de 2022), na exposição *“Transe”*, em Porto Alegre, na mostra *“Parada 7 – Arte em Resistência”* (a partir de 7 de setembro de 2022, no Centro Cultural Justiça Federal e no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro), além de quatro pinturas no Museu de Arte do Rio, a partir de setembro, expostas na coletiva *“Um Defeito de Cor”*. Em maio de 2020, foi um dos artistas selecionados pelo edital de artes visuais da série *Arte como respiro: múltiplos editais de emergência*, do Itaú Cultural. Sua pintura *“Cuidado”* (2021) integra o acervo do Museu de Arte do Rio.

Nascido em 1988, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha, o artista constrói sua produção pautado pelas questões relativas à herança diaspórica afro-latina e a cultura pop. Em pinturas, intervenções urbanas, instalações e desenhos, seus trabalhos refletem histórias reais e inventadas tendo como ponto de partida o reencontro com sua ancestralidade.

Pedro Carneiro é mestrando em Arte e Cultura Contemporânea na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro); foi aluno e depois passou a trabalhar na *Spec-*

*taculu*, instituição de formação e inserção profissional criada pelo artista e cenógrafo Gringo Cardia. Em 2021 fez a residência *Pesquisa em Artes* do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

### **SERVIÇO**

#### **Exposição “Pedro Carneiro – Cartas ao Afeto”**

Galeria Movimento, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Abertura: 6 de setembro de 2022, das 18h às 21h

Até: 8 de outubro de 2022

Entrada gratuita

Rua dos Oitis, 15, Gávea, Rio de Janeiro, RJ

Terça a sexta, das 11h às 19h

Sábado, das 13h às 18h

Telefone: +55 21 2267-5989

[contato@galeriamovimento.com.br](mailto:contato@galeriamovimento.com.br)

<https://www.galeriamovimento.com.br/>

[https://www.galeriamovi-](https://www.galeriamovimento.com.br/)

[mento.com.br/](https://www.galeriamovimento.com.br/)



Pedro Carneiro,  
*Antes da despedida*,  
2022

Foto: Divulgação



Emiliano Di Cavalcanti, *Carnaval*, década 1920

Foto: Divulgação

# DESAPARECIDAS DESDE 1936, OBRAS-PRIMAS DE DI CAVALCANTI VOLTAM PARA A CASA

As pinturas em óleo sobre tela “Carnaval” (década de 1920) e “Bahia” (1935), exibidas em 1936, na Galeria Rive Gauche, durante o exílio do artista em Paris, serão apresentadas ao público após quase 90 anos. Depois da exibição na galeria parisiense, os trabalhos ficaram desaparecidos até serem descobertos recentemente em uma coleção francesa. Agora, as duas obras-primas serão mostradas na exposição “Di Cavalcanti – 125 anos”, com curadoria de Denise Mattar, na Danielian Galeria, a partir do dia 6



“Di Cavalcanti – 125 anos” exibirá um conjunto de aproximadamente 40 obras raras, que pertencem a coleções particulares de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza, além das duas inéditas localizadas recentemente em Paris, na casa de uma família francesa. Denise Mattar, curadora da exposição, dedica-se à obra do artista desde 1997 e revela seu sentimento após essa valiosa descoberta.

“É uma emoção indescritível para uma pessoa como eu, que pesquisa Di Cavalcanti há quase três décadas, ter a felicidade de ver essas duas obras desaparecidas desde 1936. Carnaval é um painel cujas características o situam entre a produção dos anos 1929 e 1931, quando o artista criou obras-primas como As moças de Guaratinguetá, os painéis do Teatro João Caetano e Samba, a pintura perdida num trágico

Emiliano Di Cavalcanti, *Bahia*, 1935

Foto: Divulgação

*incêndio. O parentesco com elas é indiscutível. A outra obra inédita, Bahia, de 1935, era uma obra conhecida dos estudiosos apenas pela descrição feita pelo importante crítico francês Benjamin Crémieux, quando da realização da exposição do artista em Paris em 1936. Mostrar duas obras dessa qualidade da produção de Di Cavalcanti é uma contribuição inestimável da Danielian Galeria à arte brasileira”,* ressalta a curadora..

Defensor de causas sociais, Di Cavalcanti (1897-1976) foi preso duas vezes: a primeira em 1932, durante a Revolução Paulista, acusado de apoiar Getúlio Vargas, e em 1936 por ser comunista. Após a segunda prisão,

ele decidiu ir para Paris com a mulher Noêmia Mourão. Neste mesmo ano, 1936, ele apresentou 16 pinturas e quatro desenhos na Galeria Rive Gauche, ocasião em que ganhou texto do crítico francês Benjamin Crémieux (1888–1944) no catálogo. Di Cavalcanti permaneceu em Paris até 1940, quando decidiu retornar ao Brasil por causa da guerra. Ele costumava guardar suas obras maiores na Embaixada brasileira em Paris, e havia incumbido um amigo a despachar esses trabalhos, em torno de 50, para o Brasil via porto de Marselha. Não se sabe o que aconteceu, mas as obras nunca chegaram ao seu destino. Em 1946, Di Cavalcanti voltou a Paris para tentar reaver seus quadros desaparecidos.



Emiliano Di Cavalcanti, *Devaneio*, 1927

## O POVO BRASILEIRO

*“Os trabalhos traçam um percurso de Di através de seu tema favorito, o povo brasileiro. A produção do artista está inserida na história da arte brasileira por mais de 50 anos, desdobrando-se em muitas facetas: ilustrador, desenhista, caricaturista, pintor e muralista. Seu trabalho não tem par entre os artistas plásticos do Primeiro Modernismo, sendo Di Cavalcanti o único deles a manter uma produção constante e expressiva até sua morte, em 1976”, explica a curadora.*



Emiliano Di Cavalcanti, *Morro*, 1928

Foto: Divulgação

## ALGUNS DESTAQUES, POR DENISE MATTAR

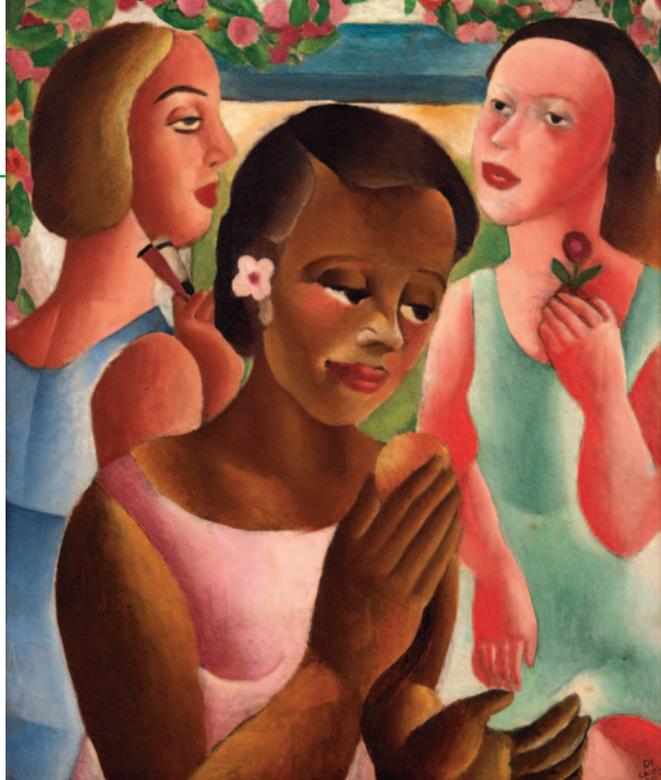
**Serenata (1925)** – Um trabalho icônico que prenuncia partidos estéticos adotados pelo artista para a criação dos painéis decorativos do Teatro João Caetano. A cena tem como pano de fundo uma marinha com barcos a

vela, mas se reporta à musicalidade dos morros cariocas, onde o pandeiro e o violão homenageiam uma mulher, cujas formas femininas são destacadas através de uma volumetria com influência da estética *art déco*. Já está presente a representação de tipos e cenas cariocas que iriam definir toda sua produção posterior.

**Devaneio (1927)** – Também explora o volume das formas através do contraste entre superfícies planas de limites bem definidos e zonas esfumaçadas de onde a cor surge gradativamente a partir do branco, criando relevos espaciais e corporais. O título da obra se reafirma pela postura pensativa e um tanto melancólica da figura principal, uma mulher negra, perdida em sonhos, retratada ao lado de um barraco – tempo em que os morros se tornaram o berço do samba.

**Três moças (c. 1925)** – Essa obra também evidencia a descoberta dos tipos brasileiros, na qual Di reproduz três mulheres: uma loira, uma morena e uma negra – esta última destacada por sua beleza.

**Carnaval (década de 1920)** – O inédito painel tem características que o situam na produção realizada entre os anos 1929 e 1931, quando a influência muralista toma ainda mais corpo na obra de Di. O parentesco com as obras desse momento é absoluto: pela volumetria, composição, características cromáticas e temáticas. O mural apresenta um grupo de homens vestidos como mulheres, preparando-se para o Carnaval. Não são figuras travestidas dentro do entendimento atual, pois os traços masculinos – pelos nas pernas e braços, bigodes



Emiliano Di Cavalcanti, *Três Mulatas (Moças do interior)*, 1922  
Foto: Divulgação

e barbas – são evidentes e um tanto caricaturais. O grupo está reunido no alto de um morro, e, atrás das ondulações da paisagem, na linha do horizonte, está o mar. As cores são fortes e vibrantes, construídas em velaturas, criando profundidades e acentuando a monumentalidade da cena. Di tem como proposta criar um muralismo inteiramente diverso do mexicano, que é marcadamente político, preferindo se debruçar sobre o aspecto humanista. Os sambas, morros, favelas e danças, que ele pinta são verdadeiros, quentes, amorosos e carnavais — feitos de dentro. Sua obra tem, de fato, o cheiro, o sabor e a cor do Brasil.

**Bahia (1935)** – Em 1936, o artista se autoexilou em Paris, realizando nesse mesmo ano uma exposição na Galerie Rive Gauche, reunindo 20 obras. Entre elas estava *“Bahia”*, agora apresentada pela primeira vez ao público brasileiro. No prefácio do catálogo da mostra em Paris o crítico francês Benjamin Crémieux assim des-

crevia a pintura: *“E vejam esta árvore amputada, que não renuncia a florir e continua de pé, uma sentinela diante da branca ‘Bahia de todos os santos’: sua casca é gêmea da pele das mulheres adormecidas. Fraternidade e luta amorosa do homem e do vegetal: todo o Brasil”*.

Di permaneceu em Paris de 1936 a 1940, e durante esse período *“o lirismo e a sensualidade langorosa tomaram conta das suas telas. É o momento no qual pintou mulheres olímpicas, quase clássicas, com toques picassianos, aos quais adicionou uma sensualidade tropical, mestiça, calorosa e maliciosa. São representantes desse momento as excepcionais obras Vênus (1938) e Três Mulheres (1938), que integram a exposição”*, explica Denise Mattar.

A exposição apresenta ainda *“Fantoches da Meia Noite”*, álbum realizado por Di Cavalcanti em 1921. O conjunto de 16 gravuras, acompanhado de texto do poeta Ribeiro Couto, foi editado por Monteiro Lobato num álbum extremamente moderno para a época e de grande impacto até hoje. O lançamento foi realizado com uma exposição na livraria *O Livro*, em São Paulo, um ponto de encontro da elite pensante da época, com a qual Di já articulava a ideia da Semana de Arte Moderna de 22.

## SERVIÇO

### Exposição “Di Cavalcanti – 125 anos”

Abertura: 6 de setembro de 2022, das 18h às 21h

Até: 12 de novembro de 2022 | Entrada gratuita

Danielian Galeria, Gávea, Rio de Janeiro

Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea, Rio de Janeiro ? EJ

Segunda a sexta-feira, de 11 às 19h

Telefones: (21) 2522-4796 / (21) 98830-3525

<https://www.danielian.com.br/>



Exposição no  
IMS Paulista  
investiga  
as relações  
entre  
fotografia  
e cultura  
urbana nas  
primeiras  
décadas do  
século XX

Vincenzo Pastore  
Crianças em bebedouro  
de parque, São Paulo, c. 1910  
Acervo Instituto Moreira Salles

*Com inauguração dia 13, a mostra apresenta fotos e filmes pouco conhecidos, datados entre 1890 e 1930. A seleção aborda as contradições em torno dos projetos modernos de urbanização no país*

A exposição *Moderna pelo avesso: fotografia e cidade, Brasil, 1890-1930* apresenta a produção fotográfica realizada em algumas das principais capitais do país – Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Belém – durante a Primeira República, de 1889 a 1930. A exposição documenta reformas urbanas radicais que aconteceram no período, abordando as tensões e contradições desses processos que alteraram as paisagens e as formas de habitar e circular nas cidades.

Com curadoria de Heloisa Espada e assistência de Beatriz Matuck, a mostra também trata da expansão da fotografia e do cinema nesse momento, como parte da cultura urbana de massas, em grandes espetáculos para entreter a população. Fruto de dois anos de

pesquisa, a seleção reúne 311 itens, entre filmes silenciosos, revistas e, principalmente, fotografias apresentadas em diversos formatos, como cartões-postais, álbuns, estereoscopias e projeções em lanterna mágica. Os materiais exibidos provêm do acervo do IMS e de outras 28 coleções, entre privadas e institucionais, como Fundação Joaquim Nabuco (PE), Fundação Biblioteca Nacional (RJ), Museu Paraense Emílio Goeldi (PA) e Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (RS).

O conjunto inclui desde imagens produzidas por fotógrafos já reconhecidos pela história, como Vincenzo Pastore, Alberto de Sampaio e Augusto Malta, até nomes menos conhecidos, como Francisco Rebello, que registrou a vida nas ruas e o Carnaval do Recife nos



Atual Recife Antigo, Recife, PE, c. 1910. Crédito: Francisco du Bocage / Acervo Instituto Moreira Salles



Demolições entre as ruas do Rosário e Ouvidor, avenida Central, atual avenida Rio Branco, Rio de Janeiro, 1904.  
Crédito: João Martins Torres / Acervo Instituto Moreira Salles

anos 1920; Olindo Belém, autor de uma vista panorâmica de 527cm de largura de Belo Horizonte, realizada em 1908; e o botânico Jacques Huber, que fotografou a flora amazônica e a procissão do Círio de Nazaré, em Belém, nos anos 1900. A seleção ainda apresenta produções cinematográficas, como os filmes silenciosos *Lábios sem beijos* (1929) e *Limite* (1931), que trazem closes e enquadramentos distorcidos, típicos das vanguardas europeias, realizados por Edgar Brasil, diretor de fotografia de ambos.

A mostra busca tecer um contraponto às imagens oficiais das reformas urbanas, associadas à *belle époque* e à modernização da República, eviden-

ciando os projetos políticos que estavam em disputa e os apagamentos decorrentes desses processos. Segundo a curadora, *“reformas urbanas como o ‘bota-abaixo’, que, entre 1903 e 1908, expulsou a população de baixa renda e arrasou o patrimônio colonial do centro do Rio de Janeiro, e a inauguração da Cidade de Minas (depois chamada de Belo Horizonte), planejada do zero, em 1897, forjavam a roupagem moderna da jovem república. No entanto, uma abolição mais do que tardia, proclamada apenas um ano antes do golpe que instituiu a República, fazia com que o ‘moderno’ não fosse apenas sinônimo de atualidade e progresso, mas também violência, apagamento e eugenia.”*

Grande parte das fotos exibidas foi tirada nas ruas das capitais. As imagens feitas pelo português Francisco du Bocage, por exemplo, documentam a derrubada de sobrados de estilo colonial e edifícios históricos no chamado Bairro do Recife, na capital pernambucana, nas primeiras décadas do século XX. Também estão presentes estereoscópias do amador Guilherme Santos, que mostram a derrubada do morro do Castelo e os últimos moradores a deixar o local, em 1922.

Nesse contexto de reformulação das cidades, assim como a fotografia, o cinema passou a estar cada vez mais presente no cotidiano urbano. A mostra inclui imagens, por exemplo, do interior do *Cine Pathé*, terceiro cinema fixo do Rio de Janeiro, fundado em 1907 pelo fotógrafo Marc Ferrez. Também é exibido o filme *Reminiscências* (1909), do mineiro Aristides Junqueira, no qual ele registra sua própria família, em uma das cenas mais antigas do cinema brasileiro.

Ainda como contraponto à imagem oficial das cidades modernas, são apresentados registros do universo do trabalho e do movimento operário. Um dos destaques é a foto da primeira greve geral, de 1917, em São Paulo, na qual trabalhadores estão reunidos em um comício. Também é exibido o curta *Cerâmica Horizontina* (1920), de Igino Bonfioli, que mostra o cotidiano de uma fábrica. Produzido inicialmente com fins de propaganda, o filme revela a presença de inúmeras crianças e adolescentes no local, constituindo-se num documento das condições precárias de trabalho na época. Na mostra, essas imagens são contrapostas por registros de residências burguesas e retratos de estúdio da elite.

Em cartaz até 26 de fevereiro de 2023, a exposição trata do desenvolvimento da fotografia no Brasil, em paralelo à consolidação de uma cultura urbana no país. Para Heloisa Espada, “a seleção joga luz sobre a produção fotográfica que não foi contemplada pela Semana de Arte Moderna de 1922, mas que esteve fortemente presente no imaginário urbano da época por meio da imprensa, do cinema, do cartão-postal, das revistas ilustradas e da produção amadora”. Reunindo registros de autores diversos, a mostra evidencia também as contradições e tensões presentes na construção do projeto de um país moderno durante a Primeira República.

## SERVIÇO

**Moderna pelo avesso: fotografia e cidade, Brasil, 1890-1930**

Abertura: 13 de setembro

Visitação: até 26 de fevereiro de 2023

IMS Paulista – Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Tel.: 11 2842-9120

Horário: Terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h | Entrada gratuita



Homens conversando em banco de praça, São Paulo, SP, c. 1910. Foto de Vincenzo Pastore / Acervo Instituto Moreira Salles

# XAVIER VEILHAN

faz sua primeira  
exposição no  
Rio de Janeiro

Expoente da arte  
contemporânea  
da França ocupará  
os dois andares  
da galeria  
Nara Roesler  
com obras  
inéditas e recentes

Xavier Veilhan,  
*Eva nº 1*, 2022  
Foto: Divulgação



*Com obras em coleções prestigiosas como a do Centre Georges Pompidou, em Paris, e representante de seu país na Bienal de Veneza em 2017, o artista mostrará esculturas em vários materiais e formatos – três delas interativas –, e um grande móbile, de 4,5 metros, que exploram seu interesse em criar ambientes e contextos que alteram a experiência do espaço e a percepção do tempo. Junto à exposição, filmes de Veilhan integrarão a programação da Cinemateca do MAM no dia 12 de setembro, com a presença e participação do artista*

Xavier Veilhan é conhecido por trabalhos que transitam entre escultura, pintura, instalação, performance, vídeo e fotografia. Quinze obras compõem a sua primeira mostra na cidade, entre esculturas de grande porte, esculturas cinéticas em madeira, e um grande móbile de 4,5 metros de altura. As três obras “Cocardes” (I, II e III, de 2022) – “Cocar”, em português –, discos de madeira de 80 cm por 8cm de largura, presos à parede, podem ser ativadas manualmente pelo público.



Xavier Veilhan, *Tom Moulton n° 1*, 2022 Foto: Divulgação

Muito ligado à música (seu estúdio de som, em madeira, na Bienal de Veneza, fez enorme sucesso) e à arquitetura, Xavier Veilhan atualiza a ideia de retrato ao representar grandes nomes dessas duas áreas. Fazem parte da exposição esculturas de dois metros de altura dedicadas a Tom Moulton (1940), célebre produtor considerado o pai da disco music e do remix, e também dos *breakdowns*, que permitiram a criação do hip hop. O arquiteto Renzo Piano (1937), que projetou o *Centre Pompidou*, também está representado em uma escultura de Veilhan.

O processo de realização dessas figuras incorpora métodos e materiais tradicionais aliados à tecnologia, através dos quais o artista geometriza a forma, ou cria um efeito “pixelado”. Veilhan escaneia imagens dos corpos retratados, ao mesmo tempo em que faz uma escultura idêntica ao modelo, e insere uma linguagem artificial. O artista presta uma homenagem às invenções e aos inventores de nosso tempo, por meio de uma linguagem própria que mistura os códigos da indústria e da arte. Pessoas próximas, como amigos ou assistentes



Xavier Veilhan, *Marine n<sup>os</sup> 1, 2 e 3*, 2022

Foto: Divulgação

do ateliê, também ganham representação em esculturas, conferindo uma dimensão afetiva ao trabalho.

### **MINIMIZANDO IMPACTOS AMBIENTAIS**

São diversos os materiais empregados por Veilhan em sua prática, como a prata, a madeira maciça, o compensado de madeira e o concreto mineral, que o artista passou a empregar recentemente a fim de minimizar os impactos ambientais de sua produção, preocupação que também o levou a utilizar verniz não poluente no acabamento de diversas peças.

### **MARCHETARIAS**

Um retrato do arquiteto Le Corbusier (1887-1965), além de outro retrato de Renzo Piano, de três obras "*Marine*" (1, 2 e 3, 2022) e "*Ana*", todos de 2022, em

compensado de bétula e tinta acrílica, criam a ilusão de serem produzidos fazendo uso de marchetaria. O efeito é obtido através de um recurso formal no qual Veilhan emprega superfícies cromáticas – algumas delas opacas enquanto outras deixam os veios da madeira aparentes –, que se encaixam criando a ilusão de tridimensionalidade, em uma aproximação entre artesanaria e tecnologia. Na série "*Marqueteries*" ("*Marchetarias*"), as imagens são baseadas em fotografias das esculturas facetadas criadas pelo artista, que, segundo ele, exibem uma espécie de tensão entre representação e a existência da imagem como objeto.

### **ESCULTURAS A CONVITE DA CHANEL**

A convite de Virginie Viard (1962), diretora criativa da Chanel, Xavier Veilhan fez especialmente para os des-

files das duas últimas temporadas de alta costura deste ano, em Paris, uma instalação em que combinou espaços virtuais e físicos com esculturas geométricas monumentais e lúdicas, móveis e rodas gigantes.

### GRANDE MÓBILE

Outra obra na exposição, um grande móbil com 4,5 metros de altura x 1,50 de largura, em carbono, poliamida, compensado de bétula e aço inoxidável, “*Le Mobile nº 8*” (2022), se moverá de acordo com a ventilação do espaço.

### ENTREVISTA À ARTISTA BRASILEIRA LUCIA KOCH

Um texto com uma entrevista de Xavier Veilhan à artista brasileira Lucia Koch (1966), estará à disposição do público. Nele nota-se uma aproximação entre as suas práticas artísticas, que têm a arquitetura e o espaço como conceitos norteadores em suas pesquisas. Em outubro deste ano, Lucia Koch irá fazer uma instalação inédita no *Palais de Léna*, em Paris.

### SOBRE XAVIER VEILHAN

Nascido em 1963, em Lyon, e radicado em Paris, Xavier Veilhan é ativo no circuito da arte desde o início dos anos 1990. Seu trabalho transita entre escultura, pintura, instalação, performance, vídeo e fotografia, e ele se interessa tanto pelo vocabulário da atualidade – velocidade, movimento, vida urbana etc. – quanto pela estatuária clássica, à qual agregou sua própria reinterpretação contemporânea. Veilhan agencia uma variedade de técnicas e materiais para produzir retratos tridimensionais e paisagens, bestiários e arquiteturas

que oscilam entre o familiar e o extraordinário. Para ele, arte é “*uma ferramenta visual através da qual devemos olhar para entender nosso passado, presente e futuro*”.

Sua obra está em coleções de importantes museus, como o *Centre George Pompidou*. O artista também se interessa por espaços públicos e já realizou obras específicas para locais em várias cidades do Japão, Coreia do Sul, EUA, Suíça, Suécia, Itália, Portugal, China e França. Suas exposições e intervenções *in situ* em cidades, jardins e casas questionam nossa percepção ao criar um envolvente percurso em que o público se transforma em participante ativo.

### SERVIÇO

#### Exposição Xavier Veilhan

Abertura: 10 de setembro  
das 11h às 17h

Até: 29 de outubro

Nara Roesler

Rua Redentor, 241,

Ipanema / RJ

Segunda a sexta,

das 10h às 19h

Sábado, das 14h às 18h

Entrada gratuita

Tel.: (21) 3591-0052

[info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)

<https://nararoesler.art/>

Xavier Veilhan,  
*Aiina nº 1*, 2022

Foto: Divulgação



LENORA DE BARROS, ROSANA PALAZYAN, WALTERCIO CALDAS,  
AUGUSTO DE CAMPOS, PAULO VIVACQUA, YOLANDA FREYRE,  
CRISTIANO LENHARDT E ANTONIO MANUEL

*KLANGFARBENMELODIE – MELODIA DE TIMBRES*

na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ



*As obras gravitam em torno da ideia de melodia de timbres criada em 1911 pelo gênio Arnold Schoenberg (1874-1951), autor da revolução que introduziu um novo campo na música, a música atonal, que rompe com o sistema verticalizado da harmonia, e cria a música horizontal, serial. A melodia passeia entre os vários timbres dos instrumentos, e cada nota passa a ter igual valor no espaço e no tempo, como pontos que flutuam*

Rosana Palazyan, *Catinga de mulata, Daninha? Qual é seu nome?*, 2006 / 2012  
Foto: Divulgação

A mostra antecipa a celebração de 70 anos de *“Poetas menos”* (1953), de Augusto de Campos, com poemas desenvolvidos a partir da ideia de Schoenberg, e que é apontada como obra precursora do concretismo brasileiro. E a exposição reúne trabalhos de artistas que pesquisam, em variadas formas, as poéticas da ressonância como lugar de encontro, seja na intimidade do próprio ser ou no desejo de encontro com o outro. As obras manifestam um espaço para que as vibrações, em suas múltiplas potências, possam se somar entre si, ecoando novas palavras, sentidos e sonoridades.

A palavra *“Klangfarbenmelodie”* – melodia de som e cor (ou timbre) – foi criada em 1911 pelo genial compositor Arnold Schoenberg (Viena, 13 de setembro de 1874 - Los Angeles, 13 de julho de 1951), que revolucionou a música ao criar a atonalidade. Rompendo com o sistema harmônico, tonal, vigente até então, Schoenberg deu autonomia a cada nota, que ficava livre, solta no



Antonio Manuel, *Valores Intrínsecos*, 2009  
Foto: Divulgação

espaço e no tempo, em uma linha serial, sem estar hierarquizada em uma harmonia. Integrante do movimento da Segunda Escola de Viena, Schoenberg – ele mesmo um pintor e ensaísta – influenciou as artes visuais, como o pintor Wassily Kandinsky (1866 - 1944).

Frequentemente se associa a música criada por Schoenberg com o movimento artístico de meados do século XIX, o *“pontilhismo”*, por causa das notas serem *“pontos”* no tempo e no espaço. Dentro da história da música, Schoenberg está relacionado ao expressionismo.

#### OBRAS / ARTISTAS

**Paulo Vivacqua** (1971, Vitória, Espírito Santo).

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

*“Interpretação”* (2012/2022), instalação, 12 estantes de partitura, alto-falantes, fios, cartões impressos, luminárias, 12 canais de áudio, 6 microsystems, dimensões variáveis.

*“The Legend of The Lake”* (2005), instalação sonora, alto-falante, mp3 player.

**Cristiano Lenhardt** (1975, Itaara, Rio Grande do Sul).

Vive e trabalha no Recife.

*“Pinturas afluentes”* (2020), acrílica sobre linho.

**Lenora de Barros** (1953, São Paulo, onde vive e trabalha)

*“Só por es-tar”* (2009), impressão em jato de tinta sobre papel de algodão.



Waltercio Caldas,  
*Paisagem EO.395*,  
2007  
Foto: Divulgação

**Rosana Palazyan** (1963, Rio de Janeiro, onde vive e trabalha)

A artista mostrará quatro obras, duas delas inéditas, das séries “*Por que daninhas?*” e “*Minha coleção de Sementes Daninhas*”, iniciadas em 2006.

**Waltercio Caldas** (1946, Rio de Janeiro, onde vive e trabalha)

“*Paisagem EO.395*” (2007) – aço inox, acrílica, granito polido.

**Yolanda Freyre** (1940, São Luís, Maranhão).

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

“*A Hortênsia e a Galinha*” (1974/75) – impressão jato de tinta sobre papel de algodão.

“*O terço da Hortênsia*” (1975) – Livro de artista, edição 1:3, dimensões variáveis.

**Augusto de Campos** (1931, São Paulo, onde vive e trabalha)

“*Poetamenos*” (1953), publicação, 1ª edição.

Série de seis poemas – “*poetamenos*”, “*paraíso pudendo*”, “*lygiafingers*”, “*nossos dias com cimento*”,

“*eis os amantes*” e “*dias dias dias*” – e um texto introdutório, em que Augusto de Campos esboça as premissas de seu experimento sob inspiração da *Klangfarbenmelodie* (“melodia de timbres”), criada pelo compositor austríaco Arnold Schoenberg. Augusto de Campos abandona o verso e a sintaxe convencional, e dispõe as palavras em estruturas gráfico-espaciais, algumas vezes impressas em até seis cores diferentes. A publicação é considerada precursora do concretismo brasileiro.

**Antonio Manuel** (1947, Avelãs de Caminho, Portugal).

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

“*Valores intrínsecos*” (2009) – acrílica sobre tela.

## SERVIÇO

**Exposição “Klangfarbenmelodie – Melodia de timbres”**

Abertura: 6 de setembro de 2022, das 17h às 20h

Até 22 de outubro de 2022

Anita Schwartz Galeria de Arte

Rua José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, RJ

Telefones: (21) 2274-3873 e 2540-6446

Segunda a sexta, das 10h às 19h | sábados das 12h às 18h

Entrada gratuita | [www.anitaschwartz.com.br](http://www.anitaschwartz.com.br)



Cestaria Baniwa

Foto: Divulgação

## AMAZÔNIA E SUAS GENTES

Biodiversidade e produção artesanal amazônica são temas de um Festival-Movimento gratuito promovido pela Artesol no CCSP

*Evento faz parte do calendário oficial do DW! – Design Weekend 2022, reforça a importância do artesanato como expressão dos saberes e da cultura popular da região e contará com exposição, oficinas, seminário e feira*

O *Festival Criativos por Tradição* acontece no Centro Cultural São Paulo, de 3 de setembro a 3 de outubro. O evento gratuito é também um movimento – um convite para os visitantes refletirem sobre a urgência da proteção da Amazônia que só é possível a partir da valorização dos modos de vida, da cultura, do ritmo e das comunidades tradicionais desse território. Promovido pela Artesol, organização que apoia os artesãos de todo o país há 23 anos, é um dos eventos âncora do *Design Weekend 2022* e conta também com exposição, seminário, oficinas e feira para a comercialização do artesanato.

O foco da *Exposição Conexões Amazônia* é revelar a história, o modo de vida, os saberes populares e a linguagem criativa de oito diferentes comunidades envolvendo povos indígenas como os Baniwa e krahô, vilas de ceramistas tapajônicos, povoados de seringueiros, entre outros núcleos. *“Para revelar a potência do patrimônio cultural relacionado aos fazeres artesanais nesses territórios, promovemos uma imersão de oito designers, um em cada comunidade, estimulando a troca de conhecimentos, o diálogo e o pensamento reflexivo entre tradição e contemporaneidade. A ideia de documentar essa experiência e revelar esse processo na exposição é enfatizar o protagonismo dos artesãos como autores de uma produção de grande relevância sociocultural e guardiões da biodiversidade da Amazônia”*, explica Jô Masson, diretora executiva da Artesol.

A diversidade dos artefatos criados na região é resultado da experimentação de técnicas, formas, elemen-

tos naturais, símbolos e memórias ancestrais que conferem ao artesanato da Amazônia um caráter plural e singular ao mesmo tempo. Além do valor cultural, um aspecto importante da produção do território é a questão da sustentabilidade, porque uma das grandes contribuições dessas comunidades tradicionais para a nossa sociedade é o seu modelo de inter-relação com a natureza.

Além da mostra, que contará com fotografias, audiovisual e objetos, a programação do festival também inclui um seminário com atores e pensadores da Amazônia, entre artesãos, pesquisadores e ativistas, que irão promover reflexões e discussões sobre o contexto da salvaguarda dos saberes populares, as políticas públicas, o mercado de consumo desse artesanato, processos de cocriação e iniciativas que são referência de desenvolvimento sustentável.



Jefferson,  
Moringa  
de cerâmica  
tapajônica  
Foto: Divulgação



Dr da Borracha, par de sapato folha

Foto: Divulgação

As oficinas – ministradas pelos próprios artesãos – têm o objetivo de aproximar o público das técnicas, a partir de uma experiência mão na massa. A feira de artesanato, por sua vez, trará uma diversificada oferta de produtos da Amazônia para quem quiser levar para casa um pedacinho da história e das expressões culturais da floresta e sua gente.

Por se tratar de um evento híbrido, o festival contará com uma plataforma virtual onde os visitantes poderão fazer um *tour* pela mostra, acessar conteúdos sobre o universo do fazer artesanal da Amazônia, assistir palestras e oficinas ministradas pelos artesãos. “A plataforma digital irá proporcionar ao público de qualquer lugar do planeta uma imersão no contexto cultural e simbólico dos artesãos da maior floresta tropical do mundo”, afirma Josiane Masson.

## SOBRE A ARTESOL

A Artesol é uma organização sem fins lucrativos que atua na inclusão socioeconômica dos artesãos brasileiros e na valorização do artesanato de tradição e seus modos do fazer, fortalecendo-os como patri-

Novarte,  
Clutch

Foto: Divulgação

mônio cultural material e imaterial do país. A organização é idealizadora da *Rede Nacional do Artesanato Cultural Brasileiro*, uma tecnologia social premiada, que promove a capacitação de milhares de artesãos, fomenta a economia criativa, cria oportunidades de negócios e divulga o artesanato e arte popular brasileira para todo o mundo através do portal [www.artesol.org.br](http://www.artesol.org.br).

## SERVIÇO

### Festival Criativos por Tradição

Patrocinadora master: Instituto Vale Cultural

Apoio: Varejista Pernambucanas

Local: Centro Cultural São Paulo

Rua Vergueiro, 1000, Paraíso, São Paulo / SP

De 3 de setembro a 3 de outubro de 2022

Horários: Terça a sexta, das 10h às 20h;

Sábado e Domingo, das 10h às 18h | Entrada: Gratuita

Informações e inscrições: [www.criativosportradicao.org.br/](http://www.criativosportradicao.org.br/)

Artesol: [www.artesol.org.br/](http://www.artesol.org.br/)



Novarte, Fruteira

Foto: Divulgação



Cantora  
cabo-verdiana  
**MAYRA  
ANDRADE**  
faz este mês  
turnê inédita  
pelo Brasil

*Artista revelação do Rock in Rio, que divide o Palco Sunset com Criolo, faz shows em diversas cidades brasileiras para apresentar pela primeira vez as canções de seu último disco, "Manga"*



Disco *Manga*  
Foto: Reprodução

Considerada uma das vozes mais relevantes de sua geração, a cantora cabo-verdiana Mayra Andrade chega ao Brasil para uma turnê inédita, com o apoio do Consulado Geral de Cabo Verde em São Paulo, passando por diversas capitais brasileiras. Após estrear no Rock in Rio, dividindo, dia 3 de setembro, o Palco Sunset com o rapper Criolo, a artista segue para São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, volta para o Rio de Janeiro e finaliza em Natal.

O show, inédito no Brasil, vai contar com convidados especiais para apresentar as canções de seu último disco, *Manga*, lançado em 2019, além de outros sucessos que marcam a carreira da artista.

Mayra nasceu em Cuba, viveu a infância entre Cabo Verde, Senegal, Angola e Alemanha. Aos 17 anos, fixou-se na França, onde deu início a sua carreira profissional, e mora em Lisboa desde 2015. Pode-se dizer que todas essas heranças estão presentes em seu trabalho, reconhecido internacionalmente por uma mistura sonora peculiar, que tem como base a música tradicional cabo-verdiana. A ela foram somados uma

grande influência da musicalidade brasileira, com a qual Mayra teve contato ainda criança, e outros ritmos introduzidos a partir de sua estadia em Portugal, onde a cultura lusófona se encontra.

Ela, que já cantou com Cesária Évora, Charles Aznavour e Gilberto Gil, faz sua estreia no Rock in Rio como grande revelação do Palco Sunset, coroando a parceria com Criolo, com quem gravou a faixa *Ogun Ogun*, do álbum *Sobre Viver*, lançado este ano pelo rapper.

*“Estou muito ansiosa e feliz de voltar ao Brasil. Quero retribuir todo o carinho que o povo brasileiro sempre demonstrou com meu trabalho e sanar a saudade após tanto tempo afastada por conta da pandemia”,* diz a cantora que teve que cancelar os shows que faria aqui em 2020.

Nesta nova turnê brasileira, Mayra vai apresentar sucessos antigos e grande parte das canções de seu quinto e último disco, *Manga*, lançado em 2019, no qual mescla suas raízes com as batidas do *afrobeat*, cantando quatro músicas em português e nove em

Crioulo cabo-verdiano. A cantora, que montou uma banda inteiramente nova para a turnê, está animada; e ansiosa: “é um show totalmente novo para o público brasileiro e espero que todos gostem”, revela.

No repertório constam *Afeto*, música de abertura de *Manga* cantada em português; *Manga*, que dá nome ao disco; *Tan Kalakatan*, também gravada no último álbum, sendo um dos vídeos mais vistos na plataforma alemã *Colors*; *Tunuca*, de seu primeiro álbum *Navega*; e as ainda inéditas em shows *Bom Bom*, do produtor português Batida; e o single *Love Language*, gravado com o produtor ganês Juls (2021), entre outras.

### MAIS SOBRE MAYRA ANDRADE

Ao todo, Mayra já lançou cinco discos: *Navega* (2006), *Storia, Storia* (2009), *Studio 105* (2010), *Lovely Difficult* (2013) e *Manga* (2019). Ganhou prêmios importantes como o *BBC Radio 3 World Music*, de *Melhor Revelação*; duas vezes o prêmio concedido pela crítica alemã *Preis der deutschen Schallplattenkritik*, pelos álbuns *Navega* e *Storia, Storia*; o prêmio *Cubadisco*, além de uma nomeação de melhor disco na categoria *World Music* pelo álbum *Lovely Difficult* ao prêmio francês, *Victoires de La Musique*.

Sua carreira é marcada por grandes colaborações e parcerias, inclusive com diversos artistas brasileiros, como Mart'nália e Maria Gadu. A artista também participou do documentário *Dominginhos Mais* em duas faixas: ao lado de Djavan gravou *Retrato da Vida*; e com Yamandu Costa e Hamilton de Holanda, a canção

*Lamento Sertanejo*. Em 2019, participou da turnê *Re-favela 40*, de Gilberto Gil, pela Europa.

Desde 2015, Mayra Andrade tornou-se embaixadora da campanha da ONU *Livres e Iguais (Free and Equal)* em Cabo Verde para lançar um apelo ao respeito e aceitação da comunidade LGBT do arquipélago. Foi considerada uma das personalidades negras mais influentes da lusofonia pela revista *Bantumen*, aparecendo ao lado de nomes como Grada Kilomba, Dino d'Santiago, entre outros, na lista *Bantumen Powerlist100*, de 2021.

### MAYRA ANDRADE – BRASIL 2022

03/09 – Com Crioulo no Palco Sunset, Rock in Rio

14/09 – São Paulo / Audio

16/09 – São Paulo / Coala Festival

17/09 – Brasília / Festival Yalodê

18/09 – Belo Horizonte / Festival Sensacional Celebra

22/09 – Salvador / Concha Acústica

23/09 – Rio de Janeiro / Circo Voador

24/09 – Natal / Mada Festival





## “Kafka: os anos decisivos”, de Reiner Stach

*Todavia lança volume central da biografia do autor de A metamorfose. Publicação apresenta os anos mais criativos de Kafka – além de suas peripécias pessoais em torno do casamento, da relação com a família e com sua herança judaica. Um marco nas biografias literárias*

Numa noite insone de 1912, Franz Kafka começou a compor a história que daria origem à novela *O veredicto*. Entusiasmado pelo processo da escrita, o jovem de 29 anos atravessaria a madrugada, colocando o ponto final na história quando os primeiros raios de sol apareciam do outro lado da janela. Este momento – inaugural para o próprio autor, que ali encontrava a forma definitiva de sua relação com a literatura – é narrado com gosto e rigor informativo por Reiner Stach neste volume da monumental trilogia biográfica de Franz Kafka.

O biógrafo alemão, um dos maiores especialistas mundiais na obra do autor tcheco, se concentra naquilo que apropriadamente chama de “*anos decisivos*”: o período entre 1910 e 1915 em que o jovem advogado e filho do severo comerciante Hermann experimenta a vida e a literatura. Trata-se de uma época movimentada para o autor de *A metamorfose* (publicada não por acaso em 1915).

Stach o captura durante suas incursões – nunca bem-sucedidas – no mundo sentimental, com destaque para o relacionamento tortuoso com Felice Bauer; na re-

lação com sua herança judaica e a perspectiva, também nunca consumada, de uma mudança para a Palestina, além da vida social nos cafés literários e a chegada da Primeira Guerra Mundial. Experiências que mesclam a vivência individual e os transe coletivos de um tempo em que a Europa flertaria com a ruína.

Reiner Stach revisita vida e obra com cuidado, sempre evitando oferecer uma chave interpretativa. O autor tem interesse nos fatos. Fugindo do clichê do kafkiano, ele se dedica a esquadrihar, através da leitura obstinada dos escritos (como as cartas e os diários), as pistas autodefinidoras de como o próprio Kafka enxergava seus textos, para além da vontade de leitores e críticos: *“Não tenho interesse literário, sou feito de literatura, não sou nada além disso e nem posso ser nada além disso”*, anunciou a Felice, a mulher com quem nunca se casaria.



Reiner Stach

Foto: Dontworry / Wikipédia

### O AUTOR

Reiner Stach nasceu em 1951, na Alemanha. Estudou literatura, filosofia e matemática. Foi o responsável pela descoberta do espólio de Felice Bauer nos Estados Unidos. Sua trilogia biográfica de Kafka

tem sido saudada como a mais alta realização no campo biográfico em nossos dias. Mora em Berlim.

### SERVIÇO

**“Kafka: os anos decisivos”, de Reiner Stach**

*Lançamento:* 9 de setembro

*Tradução:* Sofia Mariutti

*Páginas:* 656

*Preço:* R\$ 134,90

*Preço E-Book :* R\$ 69,90



Franz Kafka

Foto:  
Domínio público

# REYKJAVÍK, BAÍA DAS FUMAÇAS



Texto e fotos: Antonella Kann  
[www.antonellakann.com](http://www.antonellakann.com)  
[antonellak1954@gmail.com](mailto:antonellak1954@gmail.com)

*Menos de três horas de voo separam a capital da Islândia de Londres ou Paris. Reykjavík, cujo nome significa baía das fumaças, tem uma natureza exuberante: geysers, sol da meia noite e atrações como uma lagoa azul com águas a 38 graus. A terra da famosa cantora Björk é também a cidade menos poluída do mundo e o país onde se publica mais livros per capita*

Reykjavík. Esta cidade não figura nem entre as 51 listadas na seção de meteorologia dos grandes jornais nacionais. Para conseguir pronunciá-la, dá até nó na língua. Mas não pense que é um elo perdido ou um lugar no meio do nada. Trata-se da capital da Islândia, que apesar de ser uma ilha e estar localizada na parte mais ao norte do planeta, é o 11º país mais rico do mundo.

A Islândia está entre as nações que possuem as menores densidades demográficas, com apenas 278 mil habitantes ocupando 103 mil quilômetros quadrados – ou seja, menos gente do que em muitos bairros brasileiros. Destes, 170 mil pessoas moram em Reykjavík e o resto se espalha pelas pequenas cidades e povoados que formam um cinturão em volta da ilha. No meio, não mora ninguém. Nem construíram estradas. Até por que seriam intransitáveis na maior parte do ano, quando a neve encobre toda a superfície.

No verão, vai à Islândia quem quer ver o sol da meia-noite. Em janeiro, chega a outra turma que prefere assistir a aurora boreal, um fenômeno meio fantasmagórico também conhecido como as luzes do norte – ondas de luzes verdes e roxas tingindo o céu estrelado.

Mas o clima é sempre incerto, e a partir de outubro os dias vão encurtando até quando apenas uma tímida luminosidade consegue penetrar pela densidão das nuvens do rigoroso inverno.

À beira do Atlântico azulado, rodeada por montanhas, Reykjavik é composta de centenas de casinhas multicoloridas, entre as quais despontam algumas torres de igreja. Um charme só. Atrás da Prefeitura, uma das poucas edificações modernas, o lago Tjörn é um reduto de cisnes e patos que saem da água para vir comer na palma da mão de lindas criancinhas louras. O cenário parece mesmo uma pintura.



Lagoa Azul



Nem é preciso alugar carro para se locomover dentro da cidade, ainda mais se estiver hospedado num hotel central, como o tradicional Börg. Andando a pé, mapa na mão, é fácil se achar. Ao mesmo tempo que parece uma vila de interior, com poucas pessoas transitando nas ruas, Reykjavik revela aos poucos porque já foi eleita a capital cultural do continente europeu. Existem inúmeros museus, galerias de arte e teatros. Esculturas estão por toda parte, expressões modernas e clássicas de artistas nativos. Até a famosa cantora islandesa Björk já teve o seu busto esculpido.

A Islândia tem uns costumes curiosos. Um deles é que todo cartão de crédito vem estampado com o rosto do freguês. Numa terra onde se acha uma pessoa na lista telefônica pelo primeiro nome ao invés do sobrenome, em ordem alfabética, já viu que anonimato é coisa de terceiro mundo. Mas não é bem isso, não. Na Islândia,

onde predomina o sistema de patronímico (que é o sobrenome derivado do pai), só uma minoria da população tem sobrenome. Isso porque acopla-se a sílaba “son” ao nome do pai para o filho e “dóttir” ao nome da filha. Funciona assim: *BjarniSígurdson*, é filho do Sígurd. Fácil, né? E todo mundo só se interpela pelo primeiro nome, sem cerimônias.

Mas a verdade é que diante de tantos atributos, aos poucos Reykjavik está começando a se tornar um destino cobiçado, e as operadoras que embarcam turistas de todo lugar da Europa estão ousando esticar o período das excursões e otimizando os pacotes. Tanto para antes da alta estação, como maio, ou para depois, em setembro e outubro. Há quem esteja fazendo planos para ir passar o Natal e Ano Novo lá. Maluquice? Nem tanto: além dos islandeses festejarem como poucos estas datas, com uma magnífica decoração natalina

pela cidade e um arsenal de fogos de artifício para a noite do Réveillon, as agências turísticas locais criam atrativos condizentes com alguns metros de neve.

No entanto, esta terra tem alguns fatores de ordem natural que precisam ser levados em conta. O mais temível – e imprevisível – é o fator meteorologia. Ao contrário da Inglaterra, onde qualquer conversa gira sobre o tema, lá ninguém assunta sobre o tempo. Estando insatisfeito, é só esperar um pouco: ele muda a cada vinte minutos. Num só dia, dá para ser brindado

Geysers

com períodos de chuva fina, chuva grossa, relâmpagos, sol, nevoeiros, rajadas de ventos fortes, céu azul ou nuvens negras. E uma profusão de arco-íris que variam em dimensão e intensidade.

Visto que a Islândia está numa latitude de 64º N, a temperatura é mais amena do que se poderia imaginar, cortesia das correntes do Golfo, que trazem água temperada e muita chuva para a região. No verão, raramente o termômetro sobe acima de 15 graus. Mas, por outro lado, no inverno a capital não sofre com tempe-





raturas abaixo de  $-10^{\circ}$  C, embora os dias tenham apenas duas ou três horas de claridade.

À mercê das intempéries, enclausurados em suas casas ou em ambientes fechados a maior parte do ano, não é de surpreender que os habitantes da Islândia – cuja totalidade da população é alfabetizada – leiam vorazmente.

Como o idioma islandês sofreu pouquíssimas modificações desde os tempos dos Vikings, eles conseguem até ler as Sagas (compêndio de lendas e folclore local, típico da literatura islandesa) redigidas no século XIII. É como se a gente lesse as cartas do Pero Vaz de Caminha no original com a desenvoltura de quem está com o jornal do dia na mão... Nessa nação a avidez literária

é tanta que se publica mais livros *per capita* do que em qualquer outro lugar no mundo.

A Islândia também é o berço de campeões mundiais de xadrez... e de muitos bebês: a taxa de natalidade está entre as mais elevadas da Europa. Também, né, você faria o quê se ficasse olhando para fora da janela e vendo escuridão durante 20 horas por dia, meses a fio?

Reykjavik, cujo nome significa baía das fumaças, deve seu nome às fontes de água quente que jorram por todo o país. Além de serem atrativas para o banho, os cidadãos utilizam esta energia geotérmica e não poluente para aquecer e iluminar as suas casas. Ou seja, estamos falando da capital menos poluída do planeta. E

se da água do chuveiro do hotel emanar um odor sulfúreo, não estranhe. Dizem que faz bem à pele. Afinal, o terreno é vulcânico. E ainda hoje, vulcanicamente falando, esta terra é um dos lugares mais ativos do mundo, porque a Islândia é ainda um bebê. Faz pouco mais de 20 milhões de anos que vulcões irromperam ao norte do Atlântico e espalharam a lava que serviria de fundação para a ilha.

Os islandeses também são gratos pela água quente que jorra da terra. E por que não? Num clima frio, nada mais bem vindo do que piscinas geotérmicas à vontade. Assim como os Vikings que desembarcaram há quase mil anos atrás, eles se banham nas águas sulfúreas com a mesma facilidade que o brasileiro mergulha no mar.

A mais famosa é a Lagoa Azul, localizada na península de Reykjanes, a cerca de 32 km da capital e vinte minutos do aeroporto. A água a 38º C, rica em minerais e

salina devido à proximidade do mar, é reputada pelos seus efeitos curativos nas doenças de pele e no embelezamento em geral. O azul do nome da lagoa não foi dado em vão: a cor é de esmeralda com uma luminosidade que estonteia de longe.

A palavra “*geysir*” (gaiser, em português) foi inventada na ilha e descreve não só as fontes de água quente em geral como todos os jatos de água fervendo. Dirigindo-se em direção sul, a pouco mais de uma hora de Reykjavík, você pode ver estes fenômenos naturais em plena exibição. Haukadalur, onde ficam os gaisers, é um dos lugares mais frequentados pelos turistas que querem ver de perto, mas muito perto mesmo, o célebre Grande Geysir.

Só uma rodovia principal circunda a ilha, e consequentemente a chance de se perder é nula. Alugando um carro, dá para explorar os arredores de Reykjavik, mesmo





Filé de tubarão seco (*hákarl*), no Kolaporfid

que não dê para entender bulhufas do que está escrito nas placas. Uma dica: anote num papel a cidade ou o destino, e procure o equivalente “visual” nas placas de sinalização.

Estamos falando de um perímetro de cerca de 200 km, pois tudo em volta de Reykjavik é natureza pura. Logo depois da saída da cidade, a paisagem se modifica, substituindo o aglomerado de casas por fazendolas coloridas e isoladas, manadas de cavalos soltos nos pastos e rebanhos de carneiros. A grande paixão nacional pelos equinos se traduz na quantidade de haras que margeiam a rodovia.

Com tantas opções para ver e fazer na Islândia, principalmente no que diz respeito ao turismo-aventura (leia-se de caminhadas a cavalgadas, passeios *off-road*, ver baleias e fazer circuitos de avião pela ilha), o orçamento pode estourar. É que nada lá é barato. Aliás, as cifras são de aterrorizar. Pense no preço de alguma coisa, e triplique. Mas vale passear pelas ruas do centro cheias de lojas.

Se é um consolo, na Islândia não se dá gorjeta. A verdade é que uma nota de 1000 coroas islandesas não dura quase nada e com ela são poucas as coisas que se consegue comprar. Ah! Sim, dá para experimentar um prato típico chamado *supmitbröt*, um pão redondo do qual cortaram o topo e retiraram o miolo para colocar uma sopa dentro. O petisco aquece até o esqueleto, custa apenas ISK 690, e, eles garantem, substitui uma refeição.

Mas há outra atração (mais em conta) que só funciona final de semana: é o *Kolaporfid*, um “mercado de pulgas” dentro de um enorme galpão no cais do porto. Vale a pena entrar só para conhecer e tentar ver de perto os famosos testículos de carneiro que os islandeses consideram um prato de resistência. Caso não os veja, outros produtos típicos da ilha ficam à venda nas prateleiras das barracas – filé de tubarão seco (*hákarl*), arengue em conserva e bacalhau.

Antes de contorcer a língua para aprender a pronunciar nem que seja o básico da polidez, como bom dia ou obrigado, é bom saber que no idioma islandês não existe uma palavra única para um mero “por favor”. Então, orgulhe-se se conseguir apenas decorar o nome da capital, em si só uma proparoxítona complicada. Mas, caso for convidado para ir comer na casa de algum cidadão islandês, é de bom tom gravar pelo menos uma expressão que revela as praxes mais enraizadas na cultura nórdica – a de ser grato pela comida recebida. *Takkfyrirmig* – obrigado pela refeição.

## SERVIÇO

### Como Chegar:

Não há vôos diretos do Brasil para a capital da Islândia. No entanto, a companhia aérea islandesa *Icelandair* liga Reykjavik à maioria das grandes cidades europeias e americanas. Consulte o site da empresa [www.icelandair.co.uk](http://www.icelandair.co.uk), que oferece inclusive pacotes fechados. Informações úteis: [www.visitreykjavik.is](http://www.visitreykjavik.is) | [www.bluelagoon.is](http://www.bluelagoon.is) | [www.whatson.is](http://www.whatson.is).

Arte

Cultura

Gastronomia  
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra  
notícias boas*

**OXIGÊNIO**  
revista

Seus clientes  
ou sua empresa  
têm boas notícias  
para dar?

Então o lugar é aqui.

**ANUNCIE.**

Solicite nosso Mídia Kit.

[oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com)

(21) 3807-6497 / 97326-6868